

DÊCIÊNCIA EM FOCO



**CONTRIBUIÇÕES DA CIÊNCIA
EM TEMPOS DE PANDEMIA**

V.4 N.2 (2020)

DÊCIÊNCIA EM FOCO: revista de Publicação Científica da UNINORTE, UNIRON e FGN – v.4 n.2 (Jul/Dez 2020). – Rio Branco, Acre, Brasil.

Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e que não seja para venda ou qualquer fim comercial.

Dirigentes Institucionais

Fábio Ricardo Leite

Reitor

Ailton Martins Melo

Vice-Reitor

Kátia Cristina Dotto Gasparini

Pró-Reitora Administrativa e Fianceira

Vanessa Vogliotti Igami

Pró-Reitora Acadêmica

Indira Maria Kitamura

Pró-Reitora de Relacionamento de Mercado

Lucinéia Scramin Alves

Secretária Geral

UNIDADES

UNIRON

Alexandre Porto

Diretora de Unidade

FGN FORTALEZA

Pedro Ricardo Vogliotti

Diretor de Unidade

Campus Cidade Universitária

BR 364, Km 02, Alameda Hungria, 200 - bairro: Jardim Europa II

CEP: 69.915-497 - Rio Branco - Acre

Editora Geral:

Eufrasia Santos Cadorin

Editores de Seção:

Douglas José Angel

Marck de Souza Torres

Editor de Layout:

Vander Magalhães Nicacio

Editora de Sistema:

Érica Cristine de Oliveira Carvalho Wertz

Revisores:

João Batista de Souza

Comunicação:

Elisangela Pessoa Pereira

Corpo Editorial:

Aylana de Souza Belchior

Bruna de Souza Diógenes

Cleber Ronald Inácio dos Santos

Demétrios Batista da Silva

Douglas José Angel

Elaine Soares Leal

Francileire Ferreira da Rocha

Francisco Raimundo Alves Neto

Gisele Moraes

Gustavo de Souza Moretti

Juliana Quinteiro

Julio Eduardo Gomes Pereira

Lydhia Rubhia de Lima Torres

Marcuce Santos

Marck de Souza Torres

Mediã Barbosa Figueiredo

Natasha Varjão Volpati
Rita do Socorro Uchôa da Silva
Ruth Silva Lima da Costa
Sabrina Cassol
Samuel Barbosa Macedo
Sóron Steiner
Thais Blaya Leite Gregolis
Valgerlângela Maria Sousa da Silva
Vanessa de Moraes Cardoso

EDITORIAL

Desde o Renascimento, duas concepções sobre o valor da ciência estiveram sempre em confronto: o conhecimento desinteressado e o utilitarismo. Na concepção do ideal do conhecimento desinteressado, o valor da ciência estaria na qualidade, no rigor, na exatidão, na coerência e na verdade de uma teoria, independentemente da sua aplicação prática. Na concepção utilitarista, afirma-se ao contrário: que a quantidade de aplicações práticas permitidas é que determinaria o valor de uma ciência. O impasse entre ambas as concepções é amenizado através da distinção e da relação entre “ciência pura” e “ciência aplicada”, onde os problemas e dificuldades técnicas e práticas alavancam o desenvolvimento de investigações e conhecimentos teóricos. No entanto, as pesquisas teóricas vão avançando já sem a preocupação prática, embora as suscite, tempos depois, para solucionar problemas novos.

Nesta perspectiva, uma teoria científica nasce para dar resposta a um problema prático, porém a investigação científica pode ir avançando para a descoberta de fenômenos que já não possuem relação direta com os problemas práticos iniciais e, frequentemente, uma dada teoria pode avançar bem mais em relação às técnicas e tecnologias que poderão aplicá-la. Em muitas ocasiões, o cientista nem sabe se a sua teoria terá, um dia, aplicação prática.

O modelo paradigmático é o da racionalidade científica e este atravessa uma profunda crise, que é irreversível, alimentando um novo período de revolução científica, que, certamente, permitirá colapsar as bases em que se assenta este paradigma dominante. Os limites e as insuficiências do paradigma científico moderno resultam do grande avanço no conhecimento que ele mesmo propiciou. Ao aprofundar-se no conhecimento, foi possível enxergar a fragilidade dos pilares em que o paradigma dominante se sustenta.

As pesquisas científicas passaram a tomar parte das forças produtivas da sociedade, sendo utilizadas pela economia e modificando as relações de trabalho, os padrões industriais e comerciais e o próprio estilo de vida. Deste modo a Ciência opera como agente econômico e político. Isso, além de minimizar o grau de liberdade e de neutralidade dos cientistas, também define os investimentos financeiros na Ciência, o que normalmente ocorre antes do início das próprias pesquisas, contribuindo para deixar de fora, qualquer controle que a sociedade poderia vir exercer sobre o campo científico.

O paradigma emergente, pós-moderno, não é apenas um paradigma de um conhecimento prudente, como se propôs o paradigma científico. É também um paradigma social,

o que possibilitaria uma vida decente. Nesta nova perspectiva, todo o conhecimento científico-natural seria também científico social, rompendo-se com a dicotomia entre ciências naturais e ciências sociais, ao introduzir os conceitos de historicidade, de processo, de liberdade, de autodeterminação e de consciência, produzindo uma transformação radical na distinção sujeito/objeto. Portanto, o conhecimento do paradigma emergente tende a ser um conhecimento não dualista, repercutindo fortemente nas disciplinas científicas que se fundaram neste dualismo, e que eram tidas como insubstituíveis, como: natureza/cultura, natural/artificial, vivo/inanimado, observador/observado, subjetivo/objetivo, coletivo/individual.

O paradigma emergente tende, portanto, a revalorizar os estudos humanísticos, contudo, tal revalorização só ocorrerá se as ciências humanas também forem profundamente transformadas. Desta maneira, o mundo que é natural ou social, futuramente será ambos.

A nova ciência que dele aflora, deverá reconhecer o conhecimento como sendo, ao mesmo tempo, local e total. Ao mesmo tempo em que tem como horizonte a totalidade universal, é também local, ao se constituir em volta de temas requeridos por grupos sociais com projetos de vida locais. Desta maneira, o conhecimento avança à medida que o seu objeto se amplia buscando variadas interfaces e requerendo uma pluralidade metodológica. Procura reabilitar o senso comum reconhecendo virtualidades para enriquecer a nossa relação com o mundo, pois possui uma dimensão utópica e libertadora, que pode ser ampliada quando se dialoga com o conhecimento científico. Todavia, não despreza o conhecimento que produz tecnologia, mas entende que o desenvolvimento tecnológico deve traduzir-se em sabedoria de vida. Portanto, é preciso compreender que a ciência moderna não é a única explicação possível para a realidade sendo necessária uma forma de conhecimento compreensivo que nos una, nos ensine a viver e traduza-se em um saber prático.

As reformas neoliberais implantadas no Estado brasileiro têm levado a uma retração de suas responsabilidades quanto às políticas públicas, sobretudo as sociais, optando-se por programas seletivos e focalizados em demandas pontuais, em detrimento à universalização do acesso e dificultando a institucionalização de diversas políticas públicas, com um movimento contrário ao da garantia incondicional de direitos à proteção social pública. Nesta visão ultra neoliberal as políticas sociais não têm prioridade de governo, ficando a reboque da política econômica.

Diante de profundas mudanças na gestão das políticas públicas, é necessário retomar a reflexão e o investimento sobre os conteúdos das políticas e as tecnologias sociais de enfrentamento dos problemas sociais. A ciência há de contribuir fortemente nas áreas sociais, na saúde e na economia ao tentar conhecer e propor soluções para os problemas

existentes na implantação das diversas políticas públicas no Brasil, funcionando como um importante instrumento para o estabelecimento de prioridades e reformulação das políticas a curto, médio e longo prazos, subsidiando as políticas públicas para o enfrentamento dos problemas decorrentes da pandemia da Covid-19.

Alguns temas a serem investigados, poderão se tornar objetos da pesquisa científica aplicada às políticas públicas, tais como: a identificação da rede prestadora de serviços de atenção à população, dimensionando seu universo e a forma como atuam para o alcance dos seus objetivos e como colocam em funcionamento tais políticas; os resultados que os programas sociais efetivamente alcançam; quais os custos das diferentes alternativas; quais fatores concorrem para o sucesso ou fracasso de determinada política social; a existência ou não de uma prática sistemática de monitoramento e avaliação das diversas políticas implementadas; além da orientação de medidas profiláticas e sanitárias a serem tomadas e o desenvolvimento de novos produtos de prevenção, controle e combate ao vírus.

A ciência é o instrumento de enfrentamento ao negacionismo, que tem se aproveitado do medo inerente ao ser humano, para implantar políticas públicas sem embasamento científico, com o objetivo de manipular a sociedade, fazendo populismo e repercutindo uma visão fatalista na população.

Ao reconhecer a importância da ciência no enfrentamento à pandemia de Covid-19, a Revista *DêCiência em Foco*, através dos seus artigos, propugna pela democratização do saber científico e convida os seus leitores a uma reflexão e possível ação sobre a atual situação por todos vivenciada.

Prof. Dr. Cleber Ronald Inácio dos Santos
Doutor em Saúde Pública
Universidade Federal do Acre

REFERÊNCIAS:

1. CARVALHO, A. et al. **Políticas Públicas**. 2ª reimpr. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
2. CHAUI, M. **Convite à Filosofia**. 13ª ed. 7ª reimpr. São Paulo: Ática, 2008.
3. KUHN, T.S. **A estrutura das revoluções científicas**. 12ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.
4. SANTOS, B.S. **Um discurso sobre as ciências**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.